

N. CLASS.....
CUTTER.....
ANO/EDIÇÃO.....

FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ADRIENE DE FÁTIMA AGUIAR SANTOS

***BULLYING* – IDENTIFICAR ESSE FENÔMENO COMO VIOLÊNCIA NA ESCOLA.**

Três Pontas
2016

FEPESMIG

ADRIENE DE FÁTIMA AGUIAR SANTOS

BULLYING – IDENTIFICAR ESSE FENÔMENO COMO VIOLÊNCIA NA ESCOLA.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação do(a) Prof (a). Me. Thaylor Rodrigues Duarte..

**Três Pontas
2016
ADRIENE DE FÁTIMA AGUIAR SANTOS**

BULLYING – IDENTIFICAR ESSE FENÔMENO COMO VIOLÊNCIA NA ESCOLA.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado(a) em: ____ / ____ / ____.

Prof. Me. Thaylor Rodrigues Duarte

Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto

Prof. André Luiz Nascimento Vilela

OBS.:

BULLYING – IDENTIFICAR ESSE FENÔMENO COMO VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Adriene de Fátima Aguiar*
Thaylor Rodrigues Duarte**

RESUMO

Este artigo descreve o *bullying*, este que é um problema que afeta as escolas, bairros, enfim toda sociedade. Existe violência moral, intimidação ou *bullying* nas escolas de todos os países. É fato afirmar que este comportamento não está restrito a nenhum tipo de instituição. O objetivo deste trabalho é demonstrar através de pesquisa bibliográfica como evitar esses tipos de comportamentos de pressão, opressão, intimidação, crítica, perseguição onde são comuns no dia-a-dia de docentes e discentes, obviamente, nem todos estes acontecimentos pode-se chamar de *bullying*. O *bullying* é um comportamento que é recorrente e causa baixa estima e insegurança em seus atores. Conclui-se que docentes e discentes não relatam suas impressões por receio de tornar-se alvo ou por ter sido rejeitado por outras pessoas e pela sociedade nas tentativas que fez em comentar certos fatos.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência. Autoestima.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* é um comportamento que é recorrente e causa baixa autoestima e insegurança em seus atores. Normalmente existem três tipos de envolvidos em uma situação de violência moral: o espectador, a vítima e o agressor. O espectador é aquele, ou melhor, a pessoa que vê diariamente as situações de *bullying* e acaba se tornando uma pessoa insegura e temerosa.

Existe violência moral, intimidação ou *bullying* nas escolas de todos os países. É fato afirmar que este comportamento não está restrito a nenhum tipo de instituição.

Este artigo descreve o *bullying*, este que é um problema que afeta as escolas, bairros, enfim toda sociedade. Tem por finalidade este estudo demonstrar como evitar esses tipos de comportamentos de pressão, opressão, intimidação, crítica, perseguição onde são comuns no dia-a-dia de docentes e discentes, obviamente, nem todos estes acontecimentos podem ser

*Adriene de Fátima Aguiar Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS. E-mail: adrienefateps@hotmail.com

**Thaylor Rodrigues Duarte Professor Me.do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS. Email: admfateps@unis.edu.br

chamados de bullying.

Este intento será conseguido através de pesquisa bibliográfica. Conclui-se que docentes e discentes não relatam suas impressões por receio de tornar-se alvo ou por ter sido rejeitado por outras pessoas e pela sociedade nas tentativas que fez em comentar certos fatos.

2 O BULLYING

Conforme Dicio (2015), *bullying* é: “forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões”.

Os estudos sobre o *bullying* teve início com pesquisas realizadas pelo professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega (1978 a 1993) e com a campanha nacional antibullying nas escolas norueguesas (KRISTENSEN, 2003).

No início dos anos 70, Dan Olweus deu início a investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se tinha interesse das instituições sobre o assunto. Um fator fundamental para a pesquisa sobre como prevenir o bullying foi a avaliação da sua natureza e ocorrência. Os primeiros resultados sobre a avaliação do *bullying* foram informados por Olweus e por Roland em 1989, e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido de alguma forma em caso de *bullying*.

O programa para intervir proposto por Olweus no meio da década de 90 tinha como características principais desenvolver regras nítidas contra o *bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentando a conscientização do problema, avançando no sentido de excluir alguns mitos sobre o *bullying*, e proporcionar apoio e proteção para as vítimas. Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-Bullying realizada na Noruega, Inúmeras campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais pode-se destacar a Campanha Anti-Bullying nas Escolas Portuguesas e o Programa lançado que se chama Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros (FANTE, 2005).

No *bullying* existem três formas de envolvimento: O Autor, a vítima e testemunha e em todos os casos os envolvidos sofrem graves conseqüências no que em relação à aprendizagem e ao convívio social (KRISTENSEN, 2003).

De acordo com Neto Lopes (2004), as conseqüências relacionadas ao *bullying* podem ser físicas ou emocionais, e em relação ao tempo pode ser curto ou longo prazo,

gerando dificuldades na aprendizagem, dificuldades de convívio social e também problemas emocionais.

Normalmente, os alunos que são visados para serem as vítimas são aqueles que possuem algo diferente em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou até mesmo dificuldades na aprendizagem e sofrem queda no rendimento escolar (FANTE, 2005).

O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. A pesquisa realizada pela Associação Brasileira De Proteção À Infância E Adolescência- ABRAPIA (2009) mostra que 29% dos autores cometem as agressões por brincadeira sem ao menos darem conta dos danos emocionais que vítimas podem sofrer.

De acordo com Fante (2005), o autor de *bullying* mantém um pequeno grupo em torno de si, no qual atuam como auxiliares em suas agressões. Os alunos identificados como seguidores raramente tomam as iniciativas das agressões. Os alunos conhecidos como testemunhas são aqueles que não estão envolvidos diretamente nas agressões do *bullying*, mas que presenciam estes fatos dentro da sala de aula.

De acordo com Fante (2005), grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alunos alvos do *bullying* e condenam o comportamento dos alunos autores. Na sala de aula em que ocorre casos de *bullying* a grande maioria é denominada testemunhas.

É muito comum o *bullying* ter início na fase escolar inicial, ou seja, entre crianças, portanto será abordado com mais detalhes no item a seguir.

2.1 Bullying entre crianças

Crianças ou adolescentes são vítimas ou agressores? Fante (2005), aponta que crianças de três anos já podem praticar *bullying*, pois são capazes, esse é o ponto de vista psicológico, de praticar ou de sofrer, porque passaram pela constituição da identidade, quando se reconhecem como um outro. Os estudos na Psicologia afirmam que por volta dos dois anos de idade há uma primeira tomada de consciência de “quem eu sou” separado de outros objetos como a mãe. Nesse sentido, há uma possibilidade, com três anos de idade, de uma criança ser vítima de *bullying* ou de ser um agressor, no entanto, tais condutas se tornarão muito mais comuns num momento em que tenha maiores relações, ou seja, em que as relações entre pares forem mais cotidianas e estabelecidas com os outros. Onde, portanto, a convivência entre iguais se intensifica? Na escola, seria a resposta.

Há algumas diferenças a serem discutidas: as ações de crianças na faixa etária de oito ou nove anos serão movidas por uma forma de pensamento muitas vezes denominado pré-lógico, trata-se de um pensamento com base nas ações concretas, que não permite ao sujeito pensar sobre muitas (FANTE, 2005).

Em se tratando de gênero, os casos de meninas envolvidas como autores de *bullying* são raros. Entre os autores relacionados ao *bullying* há um predomínio do sexo masculino, já com as vítimas não há essa diferença, pois tanto os meninos como as meninas servem de vítimas para os autores. Segundo a pesquisadora norte americana Rachel Simmons com especialização em *bullying* entre meninas é muito mais fácil perceber um comportamento de *bullying* por um autor do sexo masculino. São denominados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, furtos, ofensas tanto verbais ou por expressões ou gestos que geram mal estar aos alvos (BARROS, 1993).

O *bullying* indireto são as atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, são realizados na maioria das vezes pelas meninas (FANTE, 2005).

Portanto, todos os envolvidos sofrem conseqüências em relação à aprendizagem e afeta o lado emocional.

2.2 As conseqüências do *bullying*

As conseqüências referentes ao *bullying* são variadas. Ao contrário do que muitos pensam, não é só a vítima do *bullying* que sofrem as conseqüências. Os agressores e as testemunhas também sofrem as conseqüências tanto no campo emocional quanto na aprendizagem.

Segundo Fante (2005) as conseqüências relacionadas ao *bullying* são muitas, e isso depende de como as vítimas recebem as agressões, como elas reagem a seus agressores. A esse respeito, Fante (2005, p.29) comenta que: “As conseqüências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar”.

Mas as vítimas do *bullying* não sofrem conseqüências só na parte escolar, pois se olharmos melhor, esses alunos sofrem conseqüências acadêmicas devido a sua baixa auto estima, referente a sua saúde emocional abalada. “Quem sofre com o *bullying* certamente se torna uma pessoa insegura”, afirma Lopes Neto (2004, p.52). Já quem testemunha os atos de

bullying, que abrange a maioria dos alunos, podem causar neles insegurança e ansiedade, podendo desta forma comprometer o seu processo sócio educacional.

De todos os envolvidos com o *bullying* os que sofrem as consequências mais marcantes de acordo com Fante (2005) são as vítimas. Pois, além de serem vítimas, elas têm um grande medo de denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represália e por vergonha de admitir que está passando por situações humilhantes na escola.

Segundo a pesquisa realizada pela ABRAPIA (2009), a maioria das agressões transcorrem dentro da sala de aula na presença do professor. Com este dado fica evidente como é importante o papel do professor e suas ações perante a sala de aula. Acredita-se que para acabar ou prevenir o *bullying* na sala de aula não é somente necessário o conhecimento do professor sobre o conceito de *bullying*, mas é claro que se o professor conhecer o que é o *bullying* e suas consequências facilitará para se trabalhar a prevenção do *bullying* na sala de aula.

As consequências do *Bullying* para as vítimas são inúmeras. O desempenho escolar afetado é uma delas. As dificuldades de aprendizagem demonstradas por aqueles que sofrem os maus tratos são visíveis (NETO LOPES, 2004).

Muitos alunos, que anteriormente demonstravam interesse pelos conteúdos, subitamente deixam de questionar quando tem dúvidas, temendo ser ridicularizados pelos *bullies*. Alunos que apresentavam desempenho acima da média, de repente param de realizar as tarefas e demonstrar interesse nas aulas, com receio de serem segregados e rotulados negativamente (KRISTENSEN, 2003).

Há ainda aqueles que chegam a desistir da escola, por não suportar a gozação dos colegas. Houve relatos de alunos que manifestaram quadros de depressão, ansiedade e outros transtornos, por terem sido vítimas do fenômeno (BARROS, 1993).

Outros ainda relataram mudanças de turma ou de escola, para evitar a convivência com os *bullies*. Nas aulas de língua estrangeira, em que a expressão oral deve ser incentivada, o fenômeno se torna um entrave considerável. Muitas vezes há alunos que simplesmente se negam a falar, amedrontados com a possibilidade de serem ridicularizados pelos outros. Portanto, o professor deve tentar motivar o maior número de alunos, desenvolvendo sua autoconfiança e estimulando atitudes receptivas à aprendizagem (OLIVEIRA, 2012), conforme será visto a seguir.

O *bullying*, em um contexto geral, é nada mais do que uma forma de desrespeito ao próximo, de não aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar bem esses conceitos

com seus alunos na sala de aula e para isso não é necessário que o professor saiba o que é o *bullying* (FANTE, 2005).

O professor tem o dever de passar para os alunos a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça, da solidariedade, assim como trabalhar as diferenças e os direitos das crianças em sua sala de aula (KRISTENSEN, 2003).

3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA: o papel do professor

Quando se fala dos problemas que acontecem no campo escolar, em especial na sala de aula, fica claro o papel do professor, ainda mais se este problema estiver envolvidos seus alunos e principalmente o seu desempenho escolar (KRISTENSEN, 2003).

O *bullying* está presente em quase todas as salas de aula tanto em casos de agressões físicas e verbais, como já foi tratado no item anterior, ocorrem nas salas de aula, muitas vezes na presença do professor. Mas porque essas agressões acontecem na presença do professor? O mesmo acaba não interferindo ou sua atitude diante a sala não foi suficiente para que os alunos entendessem que o respeito deve haver em um ambiente escolar (OLIVEIRA, 2012)

No entanto, se o professor passar para os seus alunos como é importante o respeito e conhecer sobre os direitos das crianças, ser o interlocutor de um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira sensata nas chamadas brincadeiras de mau gosto, casos de *bullying* poderão não acontecer no interior da sala de aula. Para que o *bullying* não aconteça sempre no âmbito pedagógico é preciso ter a participação do professor quanto dos alunos. O professor por sua vez tem o dever de transmitir os papéis éticos, que sobre a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos temo dever de entender e ajudar com as ações do professor (OLIVEIRA, 2012)

O professor que critica constantemente o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está colocando esse aluno em uma posição de vítima do *bullying* e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico. Não se pode no entanto, atribuir ao professor toda responsabilidade da ocorrência de *bullying* na sala de aula. Os alunos podem certamente realizar o ato do *bullying* sem se basear nas atitudes do professor. Mas, as atitudes do professor para em relação aos seus alunos, assim como foi dito anteriormente, podem sim, gerar oportunidades para que estes cometam *bullying* na sala de aula (KRISTENSEN, 2003)..

Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas: Transversal e Ética (BRASIL, 1998), pode ser utilizado de maneira positiva pelos professores no que diz respeito

à prevenção do *bullying* na sala de aula. Traz questões relevantes, que se o professor aplicar de forma correta no setor pedagógico estará ajudando para que o ambiente escolar seja um espaço favorável à aprendizagem para todos os alunos.

3.1 Procedimentos metodológicos

3.1.1 Como o assunto *bullying* foi tratado na escola

Inicialmente, para introduzir o tema nas aulas, foram realizadas leituras de textos que incluem a definição do termo e suas manifestações mais comuns. Alguns títulos de textos, tais como: ‘O que é *Bullying*’. Para que isto fosse possível, tornou-se necessário redobrar a atenção sobre os relacionamentos construídos no período escolar. (EYSENCK, 1971).

Estes relacionamentos tendem a seguir um mesmo padrão, que tem se repetido através dos tempos, apesar da evolução nos modelos de ensino e nas escolas como um todo. O comportamento dos alunos de hoje na construção de uma hierarquia que comanda suas relações na escola é semelhante ao comportamento de outros alunos, em outras épocas. (OLIVEIRA, 2012).

Assim, existem aqueles adolescentes que podem ser definidos como os ‘populares’, por se destacarem devido a algum atrativo, como aparência, força física, habilidade nos esportes ou mesmo um espírito de liderança. E são comentados, imitados e invejados pelos demais. (OLIVEIRA., 2012)

Em torno destes populares, gravitam os ‘amigos dos populares’, que estão sempre próximos, atuando como ‘coadjuvantes’ no grupo, sem, no entanto, possuírem o mesmo destaque. No ambiente de uma escola pode-se também encontrar aqueles que não são nada populares, nem amigos dos populares, nem mesmo totalmente excluídos. Estes não se destacam, de maneira negativa nem positiva, na convivência com seus pares (OLIVEIRA., 2012).

Já aqueles que não conseguem se encaixar em nenhum grupo, como resultado de uma personalidade mais retraída, ou por alguma outra diferença dos demais, acabam se tornando excluídos, e vistos pelos outros como estranhos ou, simplesmente, ‘diferentes’. Tornam-se, assim, as vítimas preferenciais dos *bullyngs*. É possível afirmar que crianças e adolescentes unem-se a grupos de pessoas com personalidades semelhantes, durante sua vida escolar (EYSENCK, 1971).

Pode-se definir personalidade como uma maneira do indivíduo se mostrar diante do outro, o que pode não corresponder necessariamente, ao que ele realmente é; além de ser também a soma das qualidades pessoais (EYSENCK, 1971).

Ser extrovertido ou introvertido são características estáveis da personalidade, que definem dimensões individuais quanto à sociabilidade, atividade e temperamento. Para este autor, os extrovertidos e os introvertidos têm os mesmos traços, e estes traços variam conforme sua intensidade (EYSENCK, 1971).

Os extrovertidos têm como característica o fato de serem ativos expansivos e sociáveis; ao passo em que os introvertidos são pensativos e reservados. Estas estruturas psicológicas diferentes influenciam no processo de socialização do ser humano, pois fatores como a autoconsciência, a autoafirmação, espontaneidade social, impulsividade, são fundamentais na construção das habilidades sociais (EYSENCK, 1971 apud RAMOS, 2008, p. 05).

Para BARROS (1993, p. 174), “a adolescência é a época na qual o jovem enfrenta novas exigências, como escolher uma profissão, conquistar certa independência com relação à família, lidar com a sexualidade”. Segundo a autora, amigos nesta fase vão ter um grande valor para ajudar a trabalhar com sentimentos complexos e conflitos.

Daí a importância, para o adolescente, de ter amizades, sentir-se aceito por um grupo, na qual todos são da mesma faixa etária, têm gostos, maneiras de vestir, crenças e até problemas semelhantes. Esta identificação suaviza um pouco a sensação de estranhamento, de ainda ser alguém em formação, de não saber qual será seu lugar no mundo, comuns nesta fase (BARROS, 1993).

Muitos fatores podem transformar o relacionamento do jovem com os demais em um problema, especialmente no ambiente escolar. [...] uma personalidade mais introvertida ou extrovertida pode ser decisiva para ser ou não aceito pelos colegas. Outras diferenças, como gosto musical, aparência, raça, classe social e origem também são consideradas no momento de decidir quem fará parte ou será excluído de um grupo. uma personalidade mais introvertida ou extrovertida pode ser decisiva para ser ou não aceito pelos colegas. Outras diferenças, como gosto musical, aparência, raça, classe social e origem também são consideradas no momento de decidir quem fará parte ou será excluído de um grupo (RAMOS, 2008, p. 5).

É nessa não aceitação da diversidade que pode perceber que está à maioria dos casos de no ambiente escolar. De acordo com Fante (2005) o *bullying* inicia com mais frequência pela não aceitação de uma diferença, seja qual for, mas sempre perceptível e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas

e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais.

A agressividade pode ser inata ou aprendida. Segundo Barros (1993), o tema tem sido motivo contrário entre muitos psicólogos. Aqueles que defendem que a agressividade é inata por algum motivo acreditam que o ser humano são violentos por instinto, principalmente devido à sua hereditariedade genética. Já para os teóricos que consideram o ser humano como produto do estímulo ambiental, os indivíduos podem ser moldados para ser pacíficos e amorosos.

Para BIAGGIO (1976), é difícil reduzir o comportamento agressivo, pois este é reforçado diariamente, de maneira inconsistente. É frequente nas escolas e nas famílias, a agressão trazer recompensas em algumas situações, em outras, trazer punição e em outras situações ainda, não ter consequência nenhuma. Barros (1993, p.35), afirma que

[...]quando a punição é excessiva, como no caso de pais enfurecidos que espancam os filhos procurando eliminar respostas agressivas, o modelo agressivo apresentado pelos adultos pode ser imitado pela criança punida. No entanto, punições brandas, especialmente críticas verbais podem reduzir a agressão.

O ideal seria combinar duas maneiras de redução de comportamentos agressivos: a apresentação de modelos positivos e o reforço de respostas socialmente aceitas.

A teoria da 'modelagem' de Bandura examina os efeitos da exposição a modelos agressivos sobre o comportamento das crianças e adolescentes. Para Barros (1993), também a exposição a cenas de agressividade na televisão conduz, em curto prazo, a comportamentos agressivos nos jovens espectadores. Desta forma, podemos concluir que os *bullies*, aqueles que praticam o *Bullying* nas escolas, são muitas vezes provenientes de lares onde a agressividade é a tônica, seja no comportamento dos familiares, ou no acesso excessivo a filmes, programas, 'games' e jogos de computador com conteúdo violento.

Para KRISTENSEN (2003, p. 68), "a agressão é mantida por vários fatores. É mantida por consequências externas – recompensas materiais, recompensas sociais e status. Ela é também reforçada quando as pessoas aliviam o tratamento primitivo através de recursos defensivos".

O desempenho da agressão é afetado pelas recompensas ou punições observadas – reforço substitutivo. Uma das melhores maneiras de diminuir a agressão é através do fortalecimento de outras respostas que contêm valor funcional. Como exemplo, verifica-se que pessoas que recorrem à agressão física para resolver seus conflitos interpessoais

geralmente não têm habilidade verbal. Se aprenderem a resolver verbalmente os conflitos, o comportamento de agressão tende a diminuir. Outra maneira de mudar o comportamento agressivo é através da apresentação de modelos que exibam respostas socialmente aceitas (por exemplo, cooperação) (BARROS, 1993).

Os fatores acima devem ser considerados pelos educadores quando se trata de propor soluções para enfrentar o problema nas escolas. Porém, há também casos de alunos que praticam o *Bullying*, e são provenientes de famílias que aparentam ser bem estruturadas. Nestas famílias, a princípio, não parece haver um comportamento agressivo entre seus integrantes. O que faz então, com que o aluno apresente comportamento *bully* na escola? (OLIVEIRA, 2012).

A partir de conversas com alunos com estas características, é possível perceber que alguns de seus familiares demonstram, no discurso ou nas atitudes, preconceito com as diferenças. Diferenças de raça, orientação sexual, status econômico, origem, religião, não são bem vistas por eles, que transmitem esse preconceito aos filhos. Se há nas famílias demonstrações claras, ou mesmo veladas, de intolerância para com as diferenças, é bastante provável que o adolescente passe a demonstrá-las também. Pessoas extremamente competitivas também podem assumir um comportamento *bully*, ao vivenciarem sentimentos como ciúme e inveja, dirigidos a um colega. Estes alunos vão praticar o *Bullying* sem a agressão física, mas através da exclusão, dos comentários depreciativos, da ridicularização, de maneira igualmente nociva para a vítima (OLIVEIRA, 2012).

Analisando a fala dos alunos durante os debates sobre a origem do comportamento do *bully*, percebe-se que eles podem sofrer outras influências prováveis, além do modelo familiar. Presenciar os colegas sendo agressivos ou maldosos com um determinado aluno pode fazer com que o adolescente passe a agir da mesma forma. Ele faz isso para agradar ao grupo, para estar ao lado dos 'mais fortes', ou até mesmo pelo receio de se tornar a próxima vítima (KRISTENSEN, 2003).

Há aqueles que não sabem como agir, em consequência da própria formação, que não lhes dá o preparo para tal. Assim, estes professores acabam se tornando exemplo para o comportamento apático de alguns alunos nestas situações. Estão, portanto, colaborando para formar cidadãos sem iniciativa, que não reagem frente a injustiças (OLIVEIRA, 2012).

Outros ainda recorrem à ajuda da orientação educacional e direção. Esta ajuda muitas vezes resume-se a uma punição regulamentar, que não chega a atingir as causas do problema. Desta forma, o fenômeno se mantém, sem que nada seja efetivamente feito pelos educadores para evitá-lo (OLIVEIRA, 2012).

As justificativas são muitas: ‘é coisa de criança’, ‘demonstração de imaturidade’, ‘vai passar’, ‘a escola não possui um psicólogo’, e outras. Mais grave ainda são casos em que os próprios educadores demonstram um comportamento discriminatório ou cruel para com seus alunos (OLIVEIRA, 2012).

Portanto, as ações do professor são exemplos para os alunos, mais do que suas palavras. Segundo Kristensen (2003), a atitude do professor para com alunos de grupos pequenos (negros, imigrantes, alunos de religião diferente da maioria) pode ter um efeito extremamente significativo no modo como esses alunos aprendem a perceber a si próprios, e também na forma como os colegas vêem. Basicamente, os professores fornecem condições para a aprendizagem na sala de aula, não só pelo que dizem, mas também pelo que fazem.

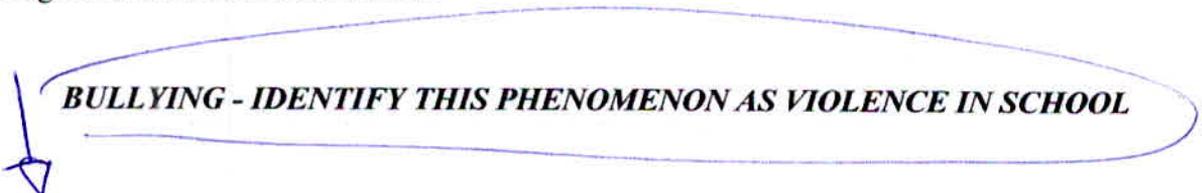
4 CONCLUSÃO

Percebe-se, através desta revisão de bibliografia que muitos indivíduos já sofreram ou presenciaram algumas manifestações do fenômeno *Bullying*, onde principalmente podem ser especialmente prejudiciais no ambiente escolar. Cabe ao professor, nestas situações, estar atento a qualquer fato que impeça a manutenção de um clima amistoso na sala de aula, garantindo as condições de mais baixa ansiedade para o aluno.

Mas não é apenas o comportamento de professores diante do problema que deve ser revisto. Direção, orientação e supervisão também devem estar aptas a perceberem mudanças de comportamento dos alunos, através da observação, conversa com os pais e professores e diálogo constante com os estudantes.

Ignorar as manifestações, ou ainda, reforçá-las com preconceitos e rotulações, ou apenas resolvê-las individualmente, quando ocorrer violência física, são atitudes que podem acarretar um provável aumento dos casos e desdobramentos imprevisíveis.

Conclui-se que o *Bullying* pode ser administrado, ou seja, através de uma boa comunicação, divulgação, construção e produção de cartazes e outras mídias, teremos um grande leque de divulgação de “como surge”, e essas matérias sendo feitos pelos próprios alunos, a respeito do tema, enfocando as várias fases do *Bullying*, pode ser uma atividade reflexiva importante. Contudo, todos já passaram ou presenciaram um *bullying*. Temos que respeitar mais os outros e usar a empatia. Só assim melhoraremos a comunidade e os outros integrantes da comunidade escolar.



BULLYING - IDENTIFY THIS PHENOMENON AS VIOLENCE IN SCHOOL

ABSTRACT

This article describes the bullying, this is a problem that affects schools, neighborhoods, in short the whole society. There is moral violence, intimidation or bullying in schools of all countries. It is true to say that this behavior is not restricted to any institution. The objective of this study is to demonstrate through literature how to avoid these types of pressure behavior, oppression, intimidation, criticism, persecution which are common in day-to-day teachers and students, of course, not all of these events can be called bullying. Bullying is a behavior that is recurrent and low esteem and cause insecurity in their actors. It is concluded that teachers and students do not report their impressions for fear of becoming a target or have been rejected by other people and society in attempts that did comment on certain facts.

Keywords: Bullying. Violence. Self esteem.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA - ABRAPIA. **Programa de Redução de Comportamento Agressivo entre Estudantes (2009)**. Disponível em: <http://www.abrapia.org.br> . Acesso em: 10 mar. 2015.
- BIAGGIO, A.M.B. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1993.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – DICIO. **Definições e significados**. 2009- 2015. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 01 set. 2015.
- EYSENK, H. **Estúdio científico de la personalidad**. Buenos Aires: Paidós. 1971. Tradução Biblioteca Digital Unicamp. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. Acessado em: 01 set. 2015.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**. São Paulo: Versus, 2005.
- KRISTENSEN, Christian Haag et al. Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. **Estud. Psicol. Natal**, v.8, n°. 1, apr. 2003. Disponível em: [http:// www.scielo.php](http://www.scielo.php). Acesso em: 10 mar. 2015.

NETO LOPES AA, Saavedra LH. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

OLIVEIRA, Sara R. **Tudo sobre Bullying**. 2012. Disponível em: <[http// www.educare.pt](http://www.educare.pt)>. Acesso em: 18 maio 2015.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais: **Apresentação dos Temas: Transversal e Ética** (BRASIL, 1998),

RAMOS, Ana Karina Sartori. **Bullying – a violência tolerada na escola**. 2008. Disponível em: <[http// www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf)>. Acesso em: 18 ago 2015.